

# Antares Dossiê Hilda Hilst Hilda Letras Hilst

***Hay un pequeño gueto, donde vivían solamente descendentes de judíos: A diáspora na obra de Susana Gertopán\****

*Alexandra Santos Pinheiro\*\**

## **Resumo**

A análise proposta aqui pretende compreender como as obras *El otro exilio* e *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán, representam o sujeito da diáspora, do entre-lugar, da identidade fragmentada. A autora trabalha, de uma forma autêntica e singular, um fato histórico de longo e vasto impacto: a perseguição e a morte dos judeus, com traços particulares nas diversas partes do mundo, como no caso do Paraguai.

## **Palavras-chave**

Literatura; diáspora; Susana Gertopán

## **Abstract**

The analysis proposed here aims to understand how the articles *El otro exilio* and *El Callejón oscuro*, by Susana Gertopán, represent the subject of the diaspora, the in-between place, the fragmented identity. The author works in a natural and authentic way, a historical fact of a long and wide impact: persecution and death of the Jews, with particular traits in different parts of the world, as in the case of Paraguay.

## **Keywords**

Literature; diaspora; Susana Gertopán.

---

\* Artigo recebido 02/2014 e aprovado em 06/2014.

\*\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professora adjunta na UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados.

## Introdução

A leitora e o leitor da produção ficcional da escritora paraguaia Susana Gertopán sabem que suas obras representam a diáspora vivenciada por judeus que foram forçados a migrar da Europa para fugirem da perseguição, da fome e das demais misérias oriundas das I e II Guerras Mundiais. Se por um lado a migração foi, naquele momento, a possibilidade de se manterem vivos, por outro, acarretou o sentimento de não pertencimento, de dúvidas e, muitas vezes, da recusa em interagir com a cultura do país onde passaram a residir. Nas personagens criadas por Gertopán, temos a representação dos sentimentos experimentados a partir da diáspora. Diante da possibilidade de continuar vivo, há, na construção de suas personagens, a culpa por ter sobrevivido e a angústia de serem as guardiãs da tradição religiosa e cultural que as constitui.

De maneira geral, entre os autores e as autoras paraguaias há recorrência em produzirem suas obras a partir de imagens colhidas de fatos históricos, convidando à reflexão política, econômica, social, de relações de gênero, além de outros temas. Autores como Augusto Roa Bastos, Victorino Abente, Nila Lopez, Josefina Pla, Guido Rodriguez Alcalá, Raquel Saguier e Susana Gertopán são apenas alguns dos nomes que se pode citar como exemplo. Nas obras de Susana Gertopán, estão representadas as aventuras e desventuras dos judeus que chegaram à América Latina no contexto das duas Guerras Mundiais. Eles fugiram do domínio de Hitler, da perseguição anti-semita, da fome e da morte. Em entrevista concedida ao jornal *Ultimahora*, a escritora responde à questão pela qual começou a escrever:

– No me acuerdo cuándo empecé a escribir. Creo que siempre estuvo presente en mí la necesidad de expresarme de ese modo. Creo que necesitaba, necesito contar lo que sentía, lo que siento, lo que me dolía y duele, lo que soñaba y sueño, lo que pienso y deseo. Denunciar lo que veía y veo, dar riendas sueltas a mis fantasmas, darles vida a ellos y a ciertos personajes que yo inventaba, invento. No concibo vivir sin la escritura, ausente de la creación. Escribí y escribo para sobrevivir.<sup>1</sup>

As obras que escreveu foram premiadas dentro e fora do Paraguai. Victorio V. Suárez (2011) afirmou que “Susana es una de las prolíficas escritoras paraguayas y nadie podría negar los méritos que ha conseguido en la novelística, enriquecida por su capacidad creativa y proximidad a los grandes problemas que aquejan a la humanidad” (p. 194).

---

<sup>1</sup><https://www.google.com/accounts/ServiceLogin?service=orkut&chl=ptBR&rm=false&continue=http://www.orkut.com/RedirLogin?msg%3D0%26page%3Dhttp://www.orkut.com.br/Home&cd=BR&passive=true&skipvpage=true&sendvemail=false> Acesso em 06/09/2011.

A escritora, conforme ela mesma relata<sup>2</sup>, ouviu, durante a infância e a adolescência, os amigos de seus avós lamentando-se pelos familiares mortos e percebeu neles a saudade de sua terra natal. No momento da entrevista em que se pede para Susana Gertopán descrever a sua origem, ela rememora primeiramente os avós: “Yo vengo directamente del holocausto. Mi familia paterna y mi familia materna es de la primera generación de que quedó viva del holocausto. [...]”. A afirmação de que ela é fruto direto do holocausto chama a atenção. O sentido imediato poderia ser atribuído pelo fato de seus avós paternos e maternos serem judeus que escaparam da perseguição. No entanto, há nesse relato o sentido psicológico de ser fruto da angústia, do luto, da saudade e da dificuldade em interagir com o novo. Sendo esse segundo sentido a motivação de sua produção ficcional: “Ellos llegaron por 28, 30 y 35. Ellos llegaron solos. Ambos perderán toda tu familia en Europa. [...]. Llegaron acá y fueran comerciantes y vivieran en Barrio Palestina. [...]”:

hay un pequeño gueto, donde vivía solamente descendentes de judíos. [...]. Yo nascí en Asunción y viví siempre en Asunción. Mis padres son paraguayos también, hijos de inmigrante. [...]. Por una cuestión de familia, yo viví con mis abuelos. Mi herencia tiene mucho que ver con la europea. Yo tendría que ser mucho más abierta. Pero conmigo se saltó una generación. Mi generación no habla *yiddish*, no comprende *yiddish* (entrevista do dia 29 de junio de 2012).

A convivência com seus avós é muito significativa para ela e, de certa forma, ao criar suas personagens, Gertopán recria esse universo de pessoas perdidas em seus medos e seus lutos. É ela quem afirma que, por ser neta de judeus, sente-se, muitas vezes, como a porta-voz das angústias de seus antepassados. Suas personagens, de acordo com a escritora, são inspiradas nas pessoas que marcaram a sua infância. Para amenizar a culpa, as casas de seus avôs, tios e vizinhos do “Barrio Palestina” eram marcadas pela melancolia, pela cor escura e por lembranças ruins:

fue una época que yo no entendía lo que pasaba. [...]. Había mucha tristeza, a pesar que no eran triste. En ese ambiente había mucha melancolía. Siempre hablaban de antes, de lo que pasó. [...]. Mis abuelos tenían mucho dolor, mucho miedo de que algo se pasable conmigo porque creo que no suportaría más ninguna pierda. Los amigos de mis abuelos, se reunían para hablar do que los pasó en la guerra, de cómo huirán, de los que morirán, de lo holocausto. Ese registro fue en que algún momento se dispara y yo me volvo escritora. [...]. Yo empecé a registrar la historia de esa gente y fue una manera de me evadir, porque la arte salva (entrevista concedida no dia 29 de junho de 2012, em Assunção-Paraguai).

Para a autora, a arte foi uma forma de salvar a si mesma e, ao mesmo tempo, recuperar a vida dos judeus com quem conviveu e de quem aprendeu que a diáspora

---

<sup>2</sup> Refere-se à parte da entrevista (filmada) realizada na residência da escritora, em Assunção-Paraguai.

pode deixar marcas indeléveis. É na perspectiva de quem se sente responsável por preservar, através da estética ficcional a história de seus antepassados que, Susana Gertopán, nascida em Assunção, no ano 1956, registra a diáspora das personagens de sua quarta e sexta obra: *El otro exilio* (2007) e *El Callejón Oscuro* (2010)<sup>3</sup>. Em ambas, os protagonistas Gregório e José, respectivamente, rememoram os acontecimentos que marcaram seu passado, procurando compreender os conflitos identitários em relação a si mesmos, aos seus pais, às suas mães, à sua cultura e ao contato com pessoas e grupos não judeus.

De estética literária primorosa, em que metáforas e personagens de composição complexa envolvem os leitores no jogo memorialístico do recordar, compreender e perdoar (RICOUER, 1995)<sup>4</sup>, as narrativas de Gertopán representam, como já afirmado, a diáspora e a identidade daquele que necessita se deslocar. Suas obras podem ser analisadas à luz da teoria de Stuart Hall, apesar de este focar a experiência caribenha e a escritora paraguaia, o deslocamento dos judeus no contexto das duas grandes guerras mundiais. De diferentes maneiras, Gregório e José contribuem para responder às indagações de

como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos tragos de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? (HALL, 2009, p. 17).

É importante chamar a atenção para o fato de que a maior parte das narrativas de Susana Gertopán é narrada por personagens masculinas, como é o caso das obras analisadas nesse texto *El otro exilio* e *El callejón oscuro*. Das seis narrativas de Susana Gertopán, apenas duas têm como narrador-protagonistas a voz feminina: *El retorno de Eva* (2004) e *El equilibrista* (2009). Talvez isso se justifique porque Gertopán representa vivências da religião judaica, de acordo com a qual, a voz masculina deve predominar. Como afirma Cecil Zinani (2006), no processo de construção dos textos literários, os papéis sociais desempenhados obedecem também aos pressupostos da vida real. Em *Identidade Feminina*, Seabra & Muszkat enfatizam:

---

3 A escritora paraguaia Susana Gertopan escreveu, até o ano de 2012, sete narrativas intituladas por ela de novelas: *Barrio Palestina* (1998); *El nombre prestado* (2000); *El retorno de Eva* (2004); *El otro exilio* (2007); *El equilibrista* (2009); *El calejon oscuro* (2010); *El guardián de los recuerdos* (2012).

<sup>4</sup> Texto publicado em *Esprit*, no210 (1995), pp. 77-82. Texto de uma conferência proferida no Templo da Estrela, na série "Dieu est-il crédible?". O título foi-lhe atribuído pelos organizadores. Foi pela primeira vez publicado em português na revista *Viragem*, no21 (1996), pp. 26-29, e republicado in Fernanda HENRIQUES (org.). *Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal*. Porto: Edições Afrontamento, 2005, pp. 35-40.

Desde o começo do século, tem ficado evidente uma clara reação ao sistema de estratificação social que discrimina os seus membros de acordo com sua identidade sexual. Tem-se procurado reagir à segregação social que define a mulher como hierarquicamente inferior ao homem, dificultando e, até mesmo impedindo, seu acesso aos serviços, às responsabilidades e ao prestígio dentro da comunidade. Trata-se porém de uma discriminação sutil, disfarçada sob a crença humanitária das tradições judaico-cristãs, que atribuem à mulher “a sagrada vocação da maternidade” como função máxima. Esse fato nos coloca diante de uma segregação mascarada, que torna possível a ilusão de que a mulher é “igual, porém diferente”, justificando plenamente, até mesmo em nome do amor, uma evidente atribuição de valores (SEABRA & MUSZKAT, 1987, p. 13).

Teresinha Schmidt, outra importante estudiosa da escrita de autoria feminina, contribui tanto para pensar o termo “feminino” quanto para definir a “escrita feminina”:

O resgate do termo feminino é um contexto semântico eivado de preconceitos e estereótipos. Equivale a reescrevê-lo dentro de uma prática libertadora que objetiva tornar visível à expressão do que foi silenciado e colocado em plano secundário em termos culturais, histórico e político. [...], quando se usa a expressão “escrita feminina” quer-se referir a texto de autoria feminina escrito do ponto de vista da mulher e em função de representação particularizada e especificada no eixo da diferença (SCHMIDT, 1995, pp. 188-189).

Desta forma, é a visão de uma escritora que vivenciou as consequências da diáspora entre seus familiares que conduz o enredo e a composição dessas personagens. É pelo ponto de vista feminino, conforme sugere a estudiosa Marcia Navarro (*Rompendo o silêncio na América Latina*, 1995) que se representa, literariamente, “as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura” conforme indagações de Stuart Hall (2003). Perguntado por que a maioria de seus protagonistas é masculina, Susana Gertopán responde:

Yo no soy feminista, yo soy humanista. El ser humano tiene que tener respeto: niños, mujeres, hombres, tienen que ser respetados. No sé porque tengo pocas protagonistas [...]. Quizás porque mis narrativas hablan de la cultura judaica e se necesitan los varones para narrar las tradiciones, nos mujeres judaicas no son tan activas para narrar (entrevista, día 29 de junio de 2012).

Apesar dos vários rompimentos que fez com a tradição judaica, o depoimento de Susana Gertopán mostra a força do discurso que divide papéis nas relações de gênero. A escritora que representa os sentimentos daqueles que sofreram a diáspora ainda é surpreendida pelo discurso que aprendeu ao longo de sua vida: “se necesitan los varones para narrar”. As mudanças experimentadas pela escritora paraguaia não rompe totalmente com a identidade judaica que constituiu sua infância, adolescência e parte de sua vida adulta. Seria, como aponta Hall, a “promessa do retorno redentor”:

[...] presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável! a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza,

o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2003, p. 28).

A voz de Susana Gertopán, portanto, também perpassa os limites de sua própria constituição histórico-social. Descendente de judeus, a autora sabe que na década de 40 e 50 do século XX, quando são ambientados seus enredos, a “palavra” era atributo masculino. Na relação de gênero, à mulher estava destinado o sentir calada, o aceitar, o cumprir as decisões tomadas por seus pais e por seus maridos. Para Michele Perrot, a ausência da palavra permitida à mulher reflete a ausência de fontes deixadas por elas. Cartas, diários, listas de compras, poemas, narrativas etc, se perderam ao longo da história pela justificativa de que as “coisas de mulher” são de menor importância:

(...) as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra (...) (PERROT, 2005, p.17).

No caso da tradição judaica, a rabina Sandra Kochmann afirma que os avanços em relação ao papel e ao lugar da mulher judaica ainda são limitados. A rabina chama a atenção para as "Bênçãos matinais":

Começar cada dia escutando os homens dizerem "*Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo que não me fizeste mulher*" não é agradável para mulher alguma que, por sua vez, deve proferir com "resignação" as palavras "*Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que me fizeste segundo Tua vontade*". Essas bênçãos fazem parte da liturgia tradicional judaica dentro do conjunto de "agradecimentos a Deus" conhecido como "Bênçãos matinais" e que são recitadas toda manhã ao despertar. Essas bênçãos não são consideradas problemáticas apenas para a nossa geração, posterior à "revolução feminina", mas incomodaram também as gerações que nos precederam. E as explicações ou "soluções" tentadas em diferentes épocas não foram suficientemente convincentes (KOCHMANN, 2005, p.36).

De qualquer forma, embora seus protagonistas e narradores sejam, em sua maioria, masculinos, é o olhar de uma escritora que conduz o enredo. No caso das obras em análise, é pelo ponto de vista feminino que se representa o sujeito da diáspora. Tanto os exílios de Gregório quanto os conflitos identitários de José são, portanto, apresentados pelo ponto de vista feminino. Ao criar esses enredos, Gertopán deixa marcado o seu modo de interpretar as angústias da diáspora. Além disso, é possível compreender que as respostas buscadas por esses protagonistas dialogam com as

dúvidas da própria escritora: “[...]. Yo empecé a registrar la historia de esa gente y fue una manera de me evadir” (Cf. entrevista concedida no dia 29 de junho de 2012, em Assunção-Paraguai).

## Representações

Publicadas em espanhol e, recentemente em alemão<sup>5</sup>, as suas narrativas ainda são pouco conhecidas no Brasil. Assim, será apresentada uma síntese do enredo para que se possa, com maior facilidade, acompanhar a análise proposta nesse texto. Conforme anunciado no título, o foco principal é o de compreender como a produção ficcional de Gertopán representa, de maneira significativa, a diáspora<sup>6</sup> de seus antepassados judeus que sobreviveram às duas grandes Guerras Mundiais.

Em *El otro exilio*, Gregório, jornalista aposentado, é o protagonista e o narrador dos fatos e das pessoas que marcaram a sua história. Nessa obra, revisitar os acontecimentos guardados por sua memória é a forma encontrada para responder à pergunta “quem sou eu?”. Aos seis anos de idade, Gregório, seu pai, sua mãe e sua irmã Rebeca fogem da Polônia para escaparem dos horrores do holocausto. Durante a fuga, Gregório, tomado pelo medo e pelo sentimento de abandono, perde a voz. Exila-se de seu país, mas se exila também de seus familiares. Até os treze anos de idade, quando recupera a voz, Gregório não emite nenhum tipo de som. Quando adulto, compreende que a incapacidade de expressar seus sentimentos o levava a se silenciar. Essa tática, ao longo de sua trajetória, será buscada em outros momentos difíceis, quando nenhuma palavra é encontrada para traduzir a intensidade de sua dor, como quando da morte do pai.

Coerente com o título, a narrativa é estruturada pelos exílios forçados e voluntários que o narrador-protagonista vivenciou: Argentina, Paraguai, Estados Unidos da América, Espanha, Israel e França. Nesses espaços geográficos foi acompanhado pelo silêncio, pela culpa de ter abandonado os pais e a irmã, pela dificuldade em falar de si e de seus sentimentos. A obra, devido ao constante deslocamento de Gregório, compõe-se como um quebra-cabeça em que acontecimentos políticos e embates emocionais se confundem. A saída forçada da Polônia será retomada quando necessitam

---

<sup>5</sup> Em agosto de 2012, a escritora esteve em Berlim para o lançamento da obra *El Callejón oscuro* na língua alemã.

<sup>6</sup> Ao longo da análise será recorrente o diálogo com a investigação de Stuart Hall, em especial com a obra *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003).

fugir da Argentina, porque sua irmã Rebeca torna-se integrante de um grupo que atua como oposição ao governo ditatorial. Em Assunção, após serem acolhidos pelos judeus do “Barrio Palestina”, a família desfruta de um momento de paz, rompido, poucos anos depois, pelo envolvimento da irmã com os opositores à ditadura paraguaia. Voltam a Buenos Aires com nomes falsos e impossibilitados de trabalhar.

Quando completa a maioridade, Gregório deixa sua família em Buenos Aires e parte sozinho para os Estados Unidos da América. Lá se forma em jornalismo e, em seguida, muda-se para Israel, onde consegue trabalho como jornalista de guerra. Casa-se, tem filhos, separa-se, tem amantes, muda-se de país por muitas vezes. O suicídio da irmã, em Buenos Aires, o obriga a voltar para perto de seus familiares para cuidar de sua mãe. Com a morte dela, decide permanecer na Argentina. Aos setenta e cinco anos de idade, deseja romper com a fuga e se reconstruir. Recompõe a sua história para responder à pergunta “quem sou eu?”. Para seguir vivendo sem culpa, sem medo, sem mudez ele precisava compreender o passado:

Me detengo y pienso en la edad que tengo y luego en todo lo que me ha tocado vivir a lo largo de estos años, en todo lo que he sentido, y a pesar de ello sigo luchando contra mi mudez, aquí sentado frente a este ventanal, mirando las hojas de otoño, mirando el cielo, acariciando al gato, cerca de Nicole. Por fin pierdo la lástima hacia mí mismo y me siento a escribir, a seguir relatando sobre mi existencia. Me recobro de todo, me reconstruyo, nazco de mí mismo y, como la zarza ardiente, broto de las cenizas para seguir con mi trabajo (2007, p. 329).

O ponto de partida dessa narrativa, e de todas as demais obras de Gertopán, é a diáspora. A necessidade de fugir de seu lugar de pertencimento e de se organizar em outro espaço: “Entonces en Polonia, los judíos vivíamos cercados por un antisemitismo que fue en aumento hasta convertirse en una masacre. Mis padres, mi hermana y yo pudimos escapar a tiempo de esa guerra y del holocausto” (2007, p. 09). Após escapar do holocausto, da perseguição e da fome, outras lutas se iniciam: o contato intercultural, a aprendizagem de uma nova língua e, muitas vezes, de um novo ofício.

Ao tratar da diáspora, Stuart Hall (2003) a analisa a partir da “Identidade e das mediações culturais”, subtítulo de sua obra. O sujeito que se vê forçado a se deslocar de seu lugar de pertencimento e de se afastar daqueles com quem partilhava de uma identidade familiar, cultural ou religiosa, é obrigado a interagir com outros espaços, nem sempre escolhidos por eles. No novo espaço surgem os confrontos identitários e, sobreviver a eles, sem perder seu *locus* de enunciação, passa a ser um grande desafio. Embora Hall investigue a experiência dos negros nas ilhas caribenhas, o resultado de

sua pesquisa possibilita compreender, de maneira significativa, a dificuldade do migrante em se estabelecer culturalmente em um novo espaço.

No caso de Gregório, esse desafio, o de interagir com pessoas e grupos de não judeus, é superado apenas quando se encontra em idade adulta, momento em que se sente pronto para revisitar o passado e, assim, compreender a si mesmo e aos seus exílios:

Pero solamente voy a contar, voy a escribir, sobre mis exilios.  
Siempre fueron provocados por la misma razón: el hambre, la persecución, el abandono, el frío, el horror, los miedos y las culpas, todo eso me llevó a ser un permanente errabundo, buscando un lugar donde pueda o me permitan vivir. A buscar mi lugar (2007, p. 31).

De maneira mais significativa, *El callejón oscuro* (2010) representa a angústia desse sujeito que, após a diáspora, procura pelo seu lugar de pertencimento. Os laços familiares e a tradição judaica já não respondem a todas as suas indagações. O Outro<sup>7</sup> inspira o desejo da aproximação e, ao mesmo tempo, força o rompimento com a tradição para interagir com o novo. A narrativa dessa obra ocorre por meio de cartas trocadas entre os primos José e Ariel. Sendo ambos de idade avançada, é Ariel quem escreve ao primo José, pedindo que o ajude a reconstruir o passado:

Estoy sufriendo, José, necesito que me ayude, no soy nadie ni sé de nadie, estoy perdido sin una historia que me cubra temporalmente para reparar este abandono. Siento miedo porque en un momento ya no me quedará nada, y mi memoria permanecerá vacía y sola. ¿Quién soy? ¿Adónde voy? ¿De dónde vengo? ¿Seré en realidad yo el que vive dentro de mí, será mío el pasado que quiero recuperar, o es de otro a quien yo inventé? (2010, p. 13).

Diante do pedido, José passa a escrever longas cartas com o objetivo de desenhar ao primo os fatos que marcaram a vida de seus familiares e as suas. José era filho de comerciante em uma rua ocupada exclusivamente por comércios e por moradores judeus. As casas e lojas judaicas eram separadas por uma rua do comércio paraguaio, onde barracas se aglomeravam em ruas estreitas<sup>8</sup>. Nessas barracas, paraguaios e indígenas vendiam flores, ervas medicinais e pratos típicos. José (e todos os demais filhos dos judeus) não tinha permissão para atravessar a rua e se aproximar

<sup>7</sup> Ver o conceito de Stuart Hall: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>8</sup> Trata-se do Mercado "4", que se localiza na "Avenida Petrossi", no centro de Assunção. No dia 29 de junho de 2012, a escritora realizou parte da entrevista no referido mercado. Mostrou a antiga loja de seus pais, mas não atravessou a rua. Permaneceu no Mercado. Chamou a atenção para a cor, o cheiro de vida e de luta do povo paraguaio. Do outro lado da rua, onde estavam os judeus, havia, segundo ela, apenas o medo de se aproximar desse mundo desconhecido.

daquelas pessoas. Para ele, o pai e, principalmente, a mãe almejavam uma carreira universitária e de sucesso.

Contrariando os sonhos de seus pais e a ordem de não conviver com os paraguaios, o protagonista passou a ser um frequentador assíduo do *Callejón Oscuro*. Experimentou pratos típicos, comeu carne de porco, meteu-se em brigas, iniciou sua vida sexual. De todas as experiências, a mais forte foi a que presenciou com o primo Ariel. Em uma noite, escaparam da vigilância de seus pais e foram ao *callejón*. Depois de um tempo caminhando, assistiram à cena que mudaria definitivamente a direção de suas vidas:

En el piso de tierra, lleno de todo tipo de desperdicios, en ese suelo, tirada, estaba una niña, que no tendría más años que los que entonces teníamos nosotros, con las piernas abiertas, en medio de una mancha de sangre. Dentro de aquel charco se encontraba un niño a quien ella acababa de parir. Ella nos vio, pero hizo como si fuéramos fantasmas, como si no existiéramos. Luego de un largo rato, cuando el niño comenzó a llorar, la nena, despacio, con el rostro marcado por el dolor, jadeante, se levantó y de la manera que pudo, casi a rastras, caminó hasta la puerta (2010, p. 243).

A moça que dá à luz ao seu filho na sujeira e na escuridão daquelas ruas escuras é a expressão da pobreza daquele grupo. O filho recém-nascido é deixado à sua própria sorte. A condição de humano<sup>9</sup> que faltava àquela gente inspira José a romper com os sonhos que seu pai e sua mãe alimentavam em torno dele. Ele estuda por conta própria Medicina Natural e abre, em uma daquelas vielas, seu consultório. Atende por um preço acessível e, muitas vezes, de graça. Receita chás, oferece conselhos, cuida do corpo e da alma. José, portanto, é aquele que rompe a fronteira, sem deixar de ser filho de judeus, aceita conviver com o diferente: “Suspiro. Ya no sueño. Apenas siento que en esta tierra, de todos y de nadie, yo habité” (2010, p. 249).

Tanto *El otro exilio* quanto *El callejón oscuro* são marcados pela necessidade de fuga e de reconstituição do sujeito. No caso das personagens da primeira obra, elas veem-se, primeiro, obrigadas a sair de Varsóvia para escaparem do holocausto. Em seguida, necessitam mudar-se devido às perseguições políticas. Do exílio forçado, o protagonista vai experimentar, desta vez de maneira voluntária, diferentes mudanças de países. A procura de Gregório por um espaço geográfico seria a externalização da

---

9 De acordo com Antonio Candido, o pressuposto básico para a definição de direitos humanos seria: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. No entanto, “A tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo”. (CANDIDO, 2004, p. 172).

angústia em encontrar o “seu lugar de pertencimento”. Por fim, o protagonista, aos setenta e cinco anos de idade, compreende que a sua maior tentativa foi a de evadir-se da dificuldade de compreender os seus sentimentos. Portanto, as mudanças constantes de país eram a tentativa de exilar-se de si mesmo:

Las constantes mudanzas a diferentes lugares con distintos idiomas, los silencios en que nos manteníamos como cubriéndonos de los dolores de afuera y la pérdida de mi voz, hicieron su estallido en un momento de mi vida, con una angustia que pronto se convirtió en una obsesión por viajar, por escapar, y así mi vida se convirtió en huida tras huida (p.9).

Por fim, depois de tantas fugas, Gregório decide reconstruir sua trajetória, e ao mergulhar em seus sentimentos para compreendê-los, dá-se conta de que “desafortunadamente, ese lugar certero donde permanecer, nunca existió” (p. 10). A busca pela terra prometida reconduz o protagonista a Varsóvia. Onde ele já não se reconhece. O jornalista não é mais o menino de seis anos de idade que fugiu de sua cidade natal. As ruas, as pessoas, a língua, a arquitetura, nada lhe é familiar. A diáspora apagou os traços que poderiam lhe permitir o reconhecimento daquele espaço. De acordo com a sistematização realizada por Robin Cohen, a busca pela terra prometida é uma das características da diáspora: “Uma idealização do suposto lar ancestral e um compromisso coletivo para sua manutenção, restauração, segurança e prosperidade, e até para sua criação” (COHEN, 1999, p. 274).

Não é possível pensar o sujeito da diáspora sem considerar a carga de responsabilidade que recai sobre ele. Mesmo distante de seu lugar de origem, ele procura, seja pela língua, seja pela manutenção de alguns rituais, preservar os traços identitários que o constitui. No caso da representação proposta por Gertopán, identifica-se, além da tentativa de preservar sua cultura, como mencionado anteriormente, um sentimento constante de culpa, como o testemunho do protagonista: “El habernos salvado del holocausto era una culpa que debíamos pagar”:

Irnos sufrir y seguir sufriendo irremediabilmente durante nuestras vidas; era sí como debíamos pagar por haber escapado, por habernos ido, alejado, por haber abandonado Polonia, por haber abandonado a nuestros familiares en los crematorios, por la muerte de ellos. Por todo ello seguiríamos condenados a ser víctimas de dolores, de pesares. El habernos salvado del holocausto era una culpa que debíamos pagar, y el castigo era los continuos destierros. Castigos que nos imponíamos a nosotros mismos. Teníamos que sufrir siempre. Tenía que dolernos vivir (p. 119).

Em um determinado momento da narrativa, o desabafo da mãe de Gregório parece sintetizar outro sentimento oriundo da diáspora, o de encontrar um lugar onde criar raízes: “Quiero un lugar, quiero una casa, quiero regar un jardín, quiero plantar

flores”. Já não há mais energias para “andar por el mundo errando” (p. 90). Ao final de sua vida, ela mergulha no passado: passa a se comportar como se não tivesse saído de seu país de nascimento. É assim, imaginando-se segura em Varsóvia, cercada por suas tradições, que a mãe de Gregório falece.

O que a personagem da mãe faz é, como propõe Bhabha, a “elaboração de estratégias de subjetivação que dá início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 2003, p. 20). Estratégia similar será adotada por Gregório: “Viví en diferentes lugares, pero nunca permanecí en ninguno, ni acepté ser parte del ninguno” (p. 9). A reflexão sobre a diáspora negra elaborada por Stuart Hall chama a atenção para o sujeito que procura uma visão unilateral de si mesmo. Gregório não se sentiu pertencente a nenhum lugar porque recusou a possibilidade de ser um conjunto de identidades. Esse imigrante judeu representado por Susana Gertopán também apresenta a dificuldade ser esse *e* aquele. Para a maioria das personagens criadas pela escritora, *ou* se é um judeu *ou* não. Apesar de discutir a experiência dos negros da diáspora britânica, o fragmento abaixo permite pensar o conflito identitário do indivíduo que tem a dificuldade de se constituir com mais de uma denominação:

O que ele faz é deslocar-nos para um novo tipo de posição cultural, uma lógica diferente da diferença, para resumir o que Paul Gilroy tão vividamente pautou na agenda política e cultural da política negra do Reino Unido: os negros da diáspora britânica devem, neste momento histórico, recusar o binário negro ou britânico. Eles devem recusar porque o "ou" permanece o local de *contestar ao constante*, quando o propósito da luta deve ser, ao contrário, substituir o "ou" pela potencialidade e pela possibilidade de um "e", o que significa a lógica do acoplamento, em lugar da lógica da oposição binária. Você pode ser negro e britânico, negra e britânica não somente porque esta é uma posição necessária nos anos 90, mas porque mesmo esses dois termos, unidos agora pela conjunção "e", contrariamente a oposição de um ao outro, não esgotam todas as nossas identidades. Somente algumas delas estão, às vezes, envolvidas nessa luta específica (HALL, 2003, p. 175).

De modo geral, Hall possibilita compreender a dificuldade do sujeito da diáspora em se reconstituir como múltiplas identidades. Talvez porque esse indivíduo sinta-se responsabilizado por ser o guardião da cultura que primeiro o constituiu ou porque, ao idealizar constantemente o lugar de onde saiu (cf. COHEN, 1999, p. 274), tenha dificuldade de interagir no/com o outro espaço para se reconstituir a partir dele. O protagonista da obra *El callejón oscuro*, em contrapartida, ousará sair do território cultural imposto a ele e, ao interagir com o Outro, assumirá a condição de ser filho de judeu *e* de ser um cidadão do Paraguai.

Uma rua separava a família de José dos comerciantes paraguaios. A rua representava uma linha divisória, a garantia, para o imigrante judeu, de que suas tradições estavam protegidas da influência do país que os acolheu. Muitas vezes, ao se criar essa fronteira, não se espera desvalorizar a tradição do outro. A tentativa de se fechar em guetos representa uma maneira de preservar a língua, os costumes e a memória dos que foram mortos pelo holocausto:

La abuela era una inmigrante que llegó viuda al Paraguay, antes de que comenzara la Segunda Guerra Mundial. Vino con sus tres hijos: Abraham, el mayor; luego Luisa, mi madre, y uno menor, llamado Samuel. Permaneció siempre en el mismo estado civil, nunca volvió a casarse. Económicamente le iba muy bien, era la dueña de una tienda muy próspera. Durante toda su vida no hizo otra cosa más que cuidar del negocio y de sus hijos, a los que les enseñó desde muy pequeños a competir entre ellos por quién la quería más y cuidaba mejor.

Hablaba yiddish y muy poco castellano, lo necesario para hacerse entender y a su vez comprender a los demás. Habitaba una casa en un barrio en el que la mayoría éramos judíos e inmigrantes como ella. La casa no estaba lejos del negocio, al que iba caminando, hasta en días de lluvia (p. 29-30).

A imagem da avó é significativa para pensar esse sujeito que, fora de seu lugar de origem, elabora outras formas de se proteger do estranho. José recorda-se que, apesar de saberem que naquele país não necessitavam “llevar siempre la marca de una estrella amarilla en la solapa”, seus familiares não se interessavam em conhecê-lo. Manter “uma relação conturbada com a sociedade anfitriã, sugerindo uma falta de aceitação ou pelo menos a possibilidade que outra calamidade possa advir ao grupo” [...] (COHEN, 1999, p. 274) seria, conforme Cohen, outra característica assumida pelo sujeito da diáspora. As personagens de *El callejón oscuro* se fecham no território ocupado pelos imigrantes judeus, interagindo o mínimo possível com o que ocorre fora desse espaço:

¿Qué había fuera de ese territorio, de esa cuadra, en donde aparentemente permanecíamos protegidos mis padres y yo de todo mal que desde ahí nos pudieran ocasionar? Pero ellos no comprendían que la guerra había terminado, que la persecución se llevó a cabo en otro continente, y que nosotros nos encontrábamos a salvo en este lugar, que tampoco se trataba de un refugio. Aquí, nadie iba arrebatar nos nuestras pertenencias ni nuestras vidas (p. 48).

Chama a atenção o fato de que, já no final de sua vida, a *abuela* se comunicava pouco em espanhol, apenas “lo necesario para hacerse entender y a su vez comprender a los demás”. A língua é, para esse grupo, o refúgio. Nessa instância, o Outro, desconhecedor de seu código, não penetra. Da mesma forma com que não se deseja penetrar no código linguístico dos paraguaios. O *Yiddish* e o castelhano seriam também outro marco divisor entre as duas culturas. Preservar a língua, nesse caso, implicava em

preservar a própria história. Após se lembrar de uma discussão que teve com a sua mãe, que se recusava a falar o castelhano, José reflete sobre o sentido de preservar o *yiddish*:

Mi madre seguía obsesionada en mantener vivo el yiddish, olvidando que se trataba de un idioma en vías de extinción al igual que toda una tradición de la que éramos parte. La Segunda Guerra Mundial se encargó de hacer cenizas, además de millones de vidas, una cultura, su idioma y tradiciones. El yiddish fue parte de ese exterminio (p. 177)

Os jovens, em *El Callejón Oscuro*, serão os responsáveis por desobedecer a ordem de não “cruzar la avenida y llegar hasta él” (p.75). As recordações de José denunciam que a recusa do imigrante judeu de não conhecer o outro não vinha apenas do desejo em preservar a sua tradição, mas também pelo sentimento de superioridade que sentia em relação a ele. Na cena abaixo, o protagonista recorda-se como a comerciante judia Justina humilhou um vendedor de sorvete:

– no voy a comprar más, porque es una estafa tu helado.

– yo soy solamente el vendedor – dijo abatido.

No hubo respuesta. El rostro del pobre heladero sólo mostraba resignación, no tenía argumento para refutar aquel reclamo. Una acusación indebida, equívoca, pero la actitud de aquel prójimo era leal a la situación en la que vivía la clase humilde en ese momento. En el país nadie podía defender sus derechos, ni siquiera lo obvio, lo básico en resguardo de la dignidad humana. El régimen político enseñaba que debíamos bajar da cabeza y aceptar ese sistema como el único destino de todo un pueblo (p. 63).

A reflexão de José é fruto do homem que cresceu e que, ao recordar, emite um parecer sobre a cena. José não apenas atravessou a rua que separava judeus e paraguaios, ele decidiu nas ruas do Mercado, com aquela gente por quem sentia um misto de admiração e pena. O suor do vendedor de sorvete e a sua incapacidade de se defender serão reconhecidos pelo protagonista como resultado da história dos paraguaios, acostumados a serem explorados e humilhados, sem ter quem os defenda. Michel Agier, ao refletir sobre os distúrbios identitários, afirma que a busca por uma identidade depende do quanto se está disposto a repensar os referentes dos “pertencimentos originais”:

É necessário, então, pensar-se a si próprio a partir de um olhar externo, até mesmo de vários olhares cruzados. [...]. Por sua vez, esses relacionamentos “trabalham”, alterando ou modificando, os referentes dos pertencimentos originais (étnicos, regionais, faccionais, etc.) (AGIER, 2001: 09).

Enquanto o protagonista da obra *El otro exilio* viaja por diferentes países à procura de seu lugar de pertencimento, José encontra nas ruas escuras do mercado paraguaio a “sua terra prometida”. O diploma de medicina que os pais desejaram para ele é substituído por um curso de medicina natural, com a qual cuidará dos doentes e

dos pobres que vivem e sobrevivem do mercado paraguaio. José é, portanto, aquele que interage com o outro. O protagonista representa o indivíduo que aceita o desafio de desvendar sua alteridade e, ao fazê-lo, sente-se atraído por ela.

Seus pais, tios e avós, sujeitos da diáspora, não conseguem convencê-lo da necessidade de se isolar em um território que lhes permita assegurar a tradição judaica. José se reconhece nesse espaço de sua família, mas se identifica também nas ruas escuras do Paraguai e com as pessoas que estão nela. Enquanto seus familiares esforçam-se por manter a tradição, isolando-se da cultura do país que lhes acolheu, José encanta-se pela diversidade de vozes, gestos e culturas que se cruzavam no *callejón oscuro*:

Cada conjunto de personas traía una historia de antepasados que contar, ninguno parecido o similar al otro, ni siquiera entre ellos, los que eran de una misma nacionalidad. Cada grupo tenía dentro de su saber, de su tradición, la secreta verdad con relación a la felicidad, a la tristeza, a la vida y a la muerte. Principios y cuestionamientos, sobre la sabiduría de cómo explicar los dones de diferentes dioses o de un solo Dios, que hablara del cielo o el infierno, o la respuesta a la pregunta: ¿qué hacemos o quiénes somos en esta existencia? Sobre el infierno, el cielo, la tierra o la nada, o sobre mitos, leyendas, cuentos, y ensayos de grandes filósofos y sabios (p. 178)

Na última carta que remete ao primo, o protagonista, sem remorsos, lembra-se que rompeu com as expectativas de seus pais. Não se tornou um médico ou um advogado famoso, não se limitou ao território ocupado pelos imigrantes judeus e nem ao *yiddish*. José escolheu viver no *callejón* “en que el sol nunca se asomaba. Rodeado de seres sin esperanzas, que solo luchaban por la sobrevivencia de ese día” (p. 245).

## Palavras finais

A obra de Susana Gertopán permite mergulhar nas consequências da Diáspora. O sujeito que se vê forçado a se dispersar de seu grupo leva consigo o desafio de se recompor. Ao mesmo tempo, é marcado pela necessidade de preservar a tradição que o constitui. Os protagonistas criados por Gertopán tentam encontrar um terceiro lugar: não podem romper com sua origem, mas não desejam estar presos a ela. Buscam outras possibilidades e almejam, ao que parece, constituir-se de novas identidades. A produção literária dessa escritora paraguaia possibilita, como se procurou demonstrar nesse texto, distintas abordagens. No entanto, como neta de judeus que fugiram do holocausto, a reflexão sobre a diáspora e as consequências da mesma são, sem dúvidas, pontos significativos em suas obras.

Assim, pelo ponto de vista da escritora Susana Gertopán, acompanha-se os protagonistas Gregório e José no processo de rememorar e ressignificar o passado. Maduros, experimentam novamente a diáspora para compreenderem como ela motivou suas vidas. Ao sair de seu lugar de pertencimento, o sujeito, que perde o seu referencial, necessita encontrar um novo território, em que se sinta protegido e próximo *ou não* de sua tradição. Os imigrantes judeus representados por Gertopán criam esse espaço ao se reunirem em grupo, fundando bairros ocupados apenas por eles.

Gregório e José representam a geração que decide sair da segurança desse território. Aprendem novas línguas e novos costumes. No entanto, ao romperem a linha que separam o território de suas tradições com outras maneiras de estar no mundo, surge a necessidade de também encontrar um espaço que os defina. É preciso aprender a caminhar no meio termo: o de serem judeus e o desejo de não se limitarem a essa tradição.

Que a análise proposta aqui das obras *El otro exilio* e *El callejón oscuro* contribua para que novas cenas sejam descortinadas. As obras de Susana Gertopán, ainda pouco estudadas no Brasil, merecem ser conhecidas tanto pelo valor estético quanto pela significativa representação do sujeito da diáspora, do entre-lugar, da identidade fragmentada. A autora trabalha, de uma forma autêntica e singular, um fato histórico de longo e vasto impacto, a perseguição e o extermínio dos judeus, com traços particulares nas diversas partes do mundo, como no caso do Paraguai.

## Referências

- AGIER, Michel . “Distúrbios identitários em tempos de globalização” Em: *Mana. Revista de Antropologia Social*. Vol. 03, nº 07, 2001, p. 7-33.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Àvila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In.: *Vários escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004, PP. 169-191
- COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from Victims to Challengers. In: \_\_\_\_; VERTOVEC, Steven (Eds). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 266-278.
- GERTOPÁN, Susana. *El outro exilio*. Asunción-Paraguay: Editora Servilibro, 2007.
- \_\_\_\_. *El Callejón Oscuro*. Asunción-Paraguay: Editora Servilibro, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende *et all.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KOCHMANN, Rabina Sandra. “O Lugar da Mulher no Judaísmo”. [*skochmann yahoo.com*] *Revista de Estudos da Religião* Nº 2 / 2005 / pp. 35-45.

NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.) *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005, p. 520.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. “Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina”. In.: NAVARRO, Márcia Hoppe. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, pp. 182-189.

SEABRA, Zelita & MUSZKAT, Malvina. *Identidade Feminina*. Petrópolis: editora Vozes, 1987.

SUAREZ, Victorio V. *Proceso de la Literatura Paraguaya: perfil histórico bibliografía y entrevistas a los mas destacados escritores paraguayos*. Asunción: Litocolor, 2011 (obra custeada pelo governo pela comemoração dos 200 anos de independência do Paraguai)

TELESCA, Ignacio (org.). *Historia Del Paraguay*. Asunción: Taurus editora, 2010.